

UM ESPELHO SOBRE O PASSADO: BREVE ANÁLISE SOBRE MEMÓRIA DA INTERTEXTUALIDADE NA OBRA *O ASNO DE OURO*

Liliane Tereza Pessoa Cunha¹

Resumo: Com o passar dos anos, muitas pesquisas sobre a obra apuleiana, com diferentes enfoques, vem ganhando espaço no cenário da historiografia atual. Contribuindo com esta perspectiva, este trabalho objetiva apresentar outro viés nos estudos sobre a obra *O Asno de Ouro*, escrita no século II d.C. De acordo com a literata alemã Renate Lachmann, uma obra, seja ela qual for, corresponde a uma junção de vários outros textos, através de trocas e contatos, formais e semânticos, o que a autora denomina como intertextualidade. Esta, por sua vez, será a responsável por formar a memória de um texto e surge no ato da escrita, à medida que cada novo ato de escrita é um percurso no espaço entre os textos existentes. Assim, conforme Aleida Assmann, quem escreve, permanece. Ora, esta frase resume exatamente a que este trabalho se propõe: analisar a obra *O Asno de Ouro*, do escritor madaurense Apuleio, através do conceito de memória da intertextualidade, buscando identificar e avaliar a presença de outros textos nos escritos apuleianos, a fim de compreender as intenções do autor ao referenciar outras obras.

Palavras-chave: Apuleio, Memória da Intertextualidade, Intertexto.

Résumé: Au cours des années, nombreuses recherches sur le travail d'Apulée avec des approches différentes, a gagné en importance dans l'historiographie de scénario actuel. Contribuer à ce point de vue, ce travail présente un autre point de vue sur des études de travail *L'Âne d'or*, écrit dans le IIe siècle après J.C. Selon la lettré allemande Renate Lachmann, un travail, quel qu'il soit, est une fusion de plusieurs autres textes, à travers des échanges et des contacts, formels et sémantiques, que l'auteur appelle comme l'intertextualité. Ceci, à son tour, sera responsable de la formation de la mémoire d'un texte et vient dans l'acte d'écrire, comme chaque nouvel acte de l'écriture est un voyage dans l'espace entre les textes existants. Ainsi, selon Aleida Assmann, qui écrit, reste. Cette phrase résume exactement ce que cette étude vise à: analyser le travail *L'Âne d'or* d'Apulée madaurense écrivain, à travers le concept de la mémoire de l'intertextualité, cherchant à identifier et évaluer la présence d'autres textes dans écrits d'Apulée pour comprendre les intentions de l'auteur lors du référencement d'autres œuvres.

Mots-clés: Apulée, Mémoire de l'intertextualité, Intertexte.

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em História e Espaços, UFRN. E-mail para contato: lilapessoa@hotmail.com

Introdução

A pesquisadora alemã Aleida Assmann, iniciando o capítulo sobre *Escrita*, enquanto meio de propagação da memória, presente na obra *Espaços da Recordação* (2011), recorre a uma citação de deutsche Post A.G. Na epígrafe, que indica uma breve apresentação ou resumo do que será tratado ao longo do capítulo, a autora opta por utilizar a frase “Quem escreve permanece”. Ora, essa frase revela o que será tratado ao longo de seu capítulo e define o que podemos entender por memória da intertextualidade. Antes de introduzirmos a discussão sobre esse conceito, optamos por iniciar este artigo tratando da figura de *Apuleius*, do latim, ou Apuleio. A obra trabalhada enquanto fruto da intertextualidade é de sua autoria.

1. O hibridismo na figura de “Lucius”² Apuleius.

Inicialmente, Apuleio teria nascido por volta de 114 e 125 d.C, na província romana de Madaura, localizada na África (SILVA, 2009; SILVA, 2005; GUIMARÃES, S/D). Apuleio seria filho de um cidadão romano que teria ido à Madaura com outros cidadãos veteranos, a fim de repovoá-la. Segundo afirmam, ele teria viajado pelo Oriente e teria estudado na Grécia e na Itália, isto é, importantes centros culturais. (GUIMARÃES, S/D). Na Grécia, teria tido contato com a filosofia platônica e passado a integrar o núcleo de filósofos medioplatônicos. Sabe-se que o madaurense era um homem letrado, que conhecia o grego e o latim e teria escrito nas duas modalidades. No entanto, apesar de sua versatilidade, conhecemos apenas seis obras de sua vasta produção: *Asineus Aureus*, *Pro se de magia liber* ou *Apologia*, *Florida*, *De deo Socratis*, *De mundo* e *De Platone et eius dogmate* (SILVA, 2005). Ainda, Apuleio teria tido contato com diversos povos, durante as suas viagens e, por consequência, conheceu diversas religiões e cultos estrangeiros, que habitavam legalmente, ou não, o Império Romano, como a arte da magia, que teria lhe rendido um processo de acusação como

² Diversos autores atribuem o nome “Lúcio” a Apuleio por considerarem que a obra *O asno de ouro* corresponde a uma obra autobiográfica, como o faz, por exemplo, Cláudia Teixeira em sua obra *A conquista da alegria* (2000).

praticante. Este processo fora registrado pelo próprio Apuleio no discurso *Apologia*, obra de autodefesa.

Uma vez que Lucien Goldmann afirma em *A Sociologia do Romance* (1976) que as obras literárias são resultados das estruturas mentais dos seus respectivos autores, estruturas estas que correspondem à coletividade de um dado grupo social, seria importante mencionar o contexto vivenciado em Roma durante o século II d.C., haja vista que o autor é fruto de seu lugar de fala. Roma, Alto Império, dinastia Antonina (96-192 d.C): o Império passava por um período de expansão e grande flexibilidade cultural (GRIMAL, 2010; GUARINELO, 2009). De acordo com Pierre Grimal, “o Império romano [...] permitia que as cidades prosseguissem a sua vida nos quadros tradicionais, à custa de algumas concessões.” (GRIMAL, 2010, p. 108-109), ou seja, contanto que não ameaçassem a ordem do Império. O imperador, enquanto primeiro homem ou figura máxima do império não necessariamente teria de nascer na cidade de Roma para chegar ao maior cargo do Império, como é o caso de vários imperadores da dinastia Antonina, por exemplo, Trajano, Adriano e Marco Aurélio, ambos de origem hispânica, embora fossem cidadãos romanos, já que tal região era província romana. Também nesse período, a filiação natural seria substituída pela inteligência na arte de governar, ou seja, agora a escolha estaria baseada naquele que melhor teria capacidade de administrar o Império.

No tocante à religião, Roma se posicionava de forma semelhante. Com a entrada de imperadores que não nasceram propriamente em Roma, é perceptível uma maior presença de aspectos orientais. O Oriente, principalmente o Egito - já com influência grega - causava enorme fascínio. Dessa forma, os cultos orientais estariam presentes em Roma há muitos anos, tendo momentos de repressão e de aceitação, dependendo da ameaça que poderiam causar à ordem pública da *Urbs* (ROSA, 2007). Durante a dinastia Antonina, tem-se uma maior aceitação e adesão das diferentes camadas sociais romanas nestes cultos periféricos, isto também pelo enorme emaranhamento cultural que eles já apresentavam. O culto isíaco, por exemplo, possui traços gregos, além dos tradicionais egípcios e, ao ser adotado em Roma, passará por mais ajustes. Na obra *Asno de Ouro*, de Apuleio, pode-se perceber um enaltecimento do autor ao culto da deusa Ísis, a qual está dedicado todo o livro XI de seu escrito, com forte influência das concepções sobre o Egito que vigoravam entre ilustres escritores, como Heródoto, de

Túrio, e Plutarco, de Queroneia. Ainda, durante o século II d.C., Roma era alvo de um movimento denominado de Segunda Sofística, que reuniu nomes importantes, como o próprio Plutarco. Este movimento visava difundir a cultura grega no seio do império romano, gerando uma dualidade identitária. Apuleio é fruto desse hibridismo: nascido no norte da África, estudante na Grécia e na Itália, além de ter utilizado sua eloquência judiciária atuando em Roma.

2. Memória Cultural: o uso da intertextualidade.

De acordo com a pesquisadora Aleida Assmann, a escrita, representada pelo procedimento da anotação e da inscrição, corresponde a mais antiga mídia de perpetuação da memória. Essa escrita, outrora, se inicia com a técnica de um aprendizado consciente da memória, por meio da criação do que os antigos denominavam de Mnemotécnica. Mnemotécnica, ou arte da memória – arte com sentido de técnica – constitui-se como uma escrita mental pelos elementos referentes aos locais e as imagens.

Segundo a historiadora Frances Yates (2007), a arte da memória teria nascido com a tragédia no edifício em que estava sendo realizado um banquete, no qual o poeta grego Simonides estava presente. Retirado do local a convite dos deuses Castor e Pollux, Simónides se ausenta do banquete e, em seguida, acontece um terremoto, que causa o desabamento deste recinto. Todos os presentes morrem e têm as suas faces totalmente desconfiguradas. Simonides, único sobrevivente, é o responsável por ajudar os legistas e familiares a reconhecerem os mortos. Ele faz isso por meio do armazenamento em sua memória das imagens das pessoas sentadas em seus devidos lugares durante o banquete. Então, a partir da cristalização da imagem das pessoas, o poeta faz o reconhecimento. Assim, ele é o responsável por desenvolver a arte da memória e atuar como uma testemunha do passado.

Cícero e Quintiliano foram os responsáveis por transmitir e utilizar tal invenção como uma prescrição para atos de recordação, narrando o mito enquanto descoberta da arte da memória. Na concepção deles, Simónides restaura a cena do banquete por meio do uso de imagens mentais. Conforme afirma a teórica literária alemã Renate Lachmann, no capítulo *Mnemonic and Intertextual Aspects of Literature*, presente na

obra *Cultural Memory Studies* (2008), o esquecimento é a catástrofe. No início da memória enquanto arte há uma grande tentativa para transformar um trabalho de luto em uma técnica, cuja cristalização das imagens na memória impossibilitaria a destruição da memória. A arte da memória restaura o rosto das vítimas mutiladas, tornando-as reconhecíveis e estabelecendo novamente o seu lugar na vida.

Conforme Lachmann, a literatura, enquanto luz da memória, é arte da mnemônica *par excellence*. Por corresponder a um conhecimento armazenado pela cultura, a literatura estaria presente na concepção de uma memória cultural e a escrita seria um ato de memória e de novas interpretações. Na visão da autora, Literatura e Mnemônica se relacionam fortemente. Ambas representam uma tradição de representar e transmitir conhecimento. Escrever, em uma dimensão mnemônica, relaciona-se com a arte da memória, concernindo sobre uma concepção de memória e com o papel que as imagens desempenham no processo de recolhimento e lembrança. Essa escrita, através da imagem introduzida pelo poeta grego Simonides, antecede e representa o papel que as letras terão.

Cícero e Quintiliano tentarão definir mnemônica enquanto imaginação, numa perspectiva que combina a experiência de ordem e a invenção de imagens. As imagens enquanto representantes de coisas e os nomes a serem lembrados são registrados em arranjos espaciais e depositados em espaços imaginários como templos, locais públicos, quartos espaçosos. Quando a mente atravessa estes depositários de imagens mnemônicas, elas são recordadas, dispostas em série e, em seguida, revertidas para os elementos que a substituem. Essa técnica recomendada por Cícero refere-se especificamente à memorização de textos e, ao inserir-se em um espaço da mnemônica entre textos, inevitavelmente cria-se um espaço mnemônico transformado, um depósito textual. Desse modo, a arquitetura da memória pela imagem é substituída pelo espaço textual da literatura. Os textos atravessam espaços de memória e se instalam neles. Ao mesmo tempo, cada texto adicionado enriquece o espaço mnemônico que novos textos irão percorrer.

Uma vez que relacionou-se mnemônica e textos, conforme Renate Lachmann, pode-se falar de procedimentos intertextuais. A intertextualidade é entendida pela autora através das trocas e contatos, formais e semânticos, entre textos literários ou não-literários. Ela demonstra o processo pelo qual a cultura é constantemente reescrita e

retranscrita por meio do uso de signos linguísticos. Retornando a uma ideia de uma memória da intertextualidade, quando um determinado texto entra no domínio de outros textos, a ligação entre o texto dado e o texto "outro" (aquele referente) é o sinal referente ou intertexto. O intertexto é o próprio elemento de outro texto que foi incorporada, absorvido, citado, distorcido, invertido, reformulado.

Neste contexto, a memória do texto é formada pela intertextualidade de suas referências. A intertextualidade surge no ato da escrita, na medida em que cada novo ato da escrita é um percurso no espaço entre os textos existentes. É semelhante ao que o filósofo francês Jacques Derrida (2001), com base na psicanálise de Freud, nomeia de movimento da escritura, processo infinito de significações, responsável por movimentar o inconsciente. Para o filósofo, esse movimento se dá no encontro com os rastros, com os restos, o que possibilita a criação de arquivos, que são feitos e refeitos a todo instante. Para serem arquivados, os textos fazem uso de procedimentos da mnemotécnica: esboçam espaços e imagens. Como uma coleção de intertextos, o texto em si é um lugar de memória e, em certo sentido, entra um no outro. Assim, a função mnemônica da literatura provoca procedimentos intertextuais e, neste sentido, a intertextualidade produz e sustenta a memória da literatura.

Desse modo, conforme afirma Aleida Assmann, a memória será sempre reformulada sob as diferentes perspectivas do presente. Este movimento nos remete ao ciclo da interpretação figural proposto pelo filólogo alemão Erich Auerbach, em seu texto *Figura* (1997). Para o autor, esta interpretação estabelece uma conexão entre dois acontecimentos ou duas pessoas, no qual o primeiro significa a si mesmo e ao segundo, enquanto o segundo abrange e complementa o primeiro. (AUERBACH, 1997, p. 46). Ainda, essas afirmações podem ser transferidas para uma interpretação da memória intertextual, pois os textos de um “presente”, referenciando fragmentos de outros, isto é, os intertextos, se munem de procedimentos transformadores para absorver, citar, inverter, ou distorcer o texto referência.

3. A intertextualidade em *O Asno de Ouro*.

Falou-se inicialmente de Apuleio e de seu contexto para desenhar o conceito de Memória da Intertextualidade e aplicá-lo na obra *O Asno de Ouro*. Pois bem, o intuito

dessa peregrinação era exatamente apontar Apuleio enquanto um homem erudito, viajado e estudado, que versava em diversas temáticas e conhecimentos, o que inclui religião, política, oratória, eloquência judiciária, filosofia, entre outros. Como tratado anteriormente, ele vivera no contexto da Segunda Sofística e se denominava seguidor das ideias de Platão. Neste sentido, pode-se afirmar, o que é visível em suas obras, principalmente na referenciada nesse trabalho, *O Asno de Ouro*, que Apuleio foi influenciado por muitos escritores antigos e tinha grande conhecimento dos clássicos.

Iniciando tal análise, o autor escreve a sua obra em uma estrutura narrativa que comporta os gêneros novela antiga, romance e obra de fábulas de estilo milesiano, isto é, picaresco, cínico: “Ela vai-te alegrar” (APULEIO, I, cap. I). Assim, Apuleio trata de temas como a magia, o encontro de culturas, a morte, roubos, o amor e os diferentes cultos que transitavam na Antiguidade, a partir da sua história sobre um homem, Lúcio, que vai à Tessália em busca de conhecimento sobre magia, e acaba por se metamorfosear em asno/burro, voltando à forma humana após conversão ao culto da deusa egípcia Ísis.

Sua peregrinação tem início na Tessália. Essa região era conhecida na Antiguidade pelas práticas de magia, e Lúcio viaja com o intuito de conhecer mais sobre essa temática. A Tessália aparece na peça de Aristófanes, *As nuvens*, de 423 a.C. Nela, o autor trata de uma feiticeira conhecida por fazer a lua baixar durante a noite, prendendo-a em um espelho. Certamente, por habitar a Grécia, mesmo que posteriormente a Aristófanes, Apuleio teve acesso as suas peças, que foram muito difundidas na Grécia, e tinha conhecimento, assim como este, da fama que a região da Tessália possuía na Antiguidade. Ainda, essa região aparece na obra como o lugar de origem materna da família de Plutarco e de seu sobrinho, o filósofo Sexto, o que constata uma marcante influência da Segunda Sofística – Apuleio enquanto cidadão romano de Madaura, que escreve na Grécia - e uma influência médio-platônica, já que tanto Plutarco quanto Apuleio comungavam desta corrente filosófica.

Fui para Tessália – origem, pelo lado materno, de uma família na qual temos a glória de contar o ínclito (Ilustre, famoso) Plutarco, e mais tarde seu sobrinho, o filósofo Sexto; Fui, pós, para a Tessália, a negócios. (APULEIO, Livro I, Cap. II).

O autor continua narrando as suas aventuras em busca do conhecimento sobre magia. No caminho, ele encontra dois viajantes que lhe contam a história de um tal Sócrates, que perdeu sua família, seus bens e foi dado como morto ao se envolver com uma poderosa feiticeira chamada Méroe. Certamente a escolha do nome “Sócrates” para uma de suas personagens não foi em vão, já que Apuleio seguia os preceitos platônicos e o último era seguidor do filósofo grego Sócrates. Ainda, em uma passagem, ao tratar de tal feiticeira, Apuleio demonstra conhecimento das obras do poeta grego Eurípedes, ao comparar essa feiticeira com Medéia. Ambas são mulheres carregadas por amor e ódio, que vão de encontro ao conformismo tradicional. Ao descrevê-la, o viajante retrata ao personagem Lúcio:

Do mesmo modo que a famosa Medéia que, tenho obtido de Creon um dia somente de adiamento, consumiu nas chamas lançadas de uma coroa toda a casa do velho rei, sua filha e ele próprio, assim, Méroe, operando sobre uma cova, com ritos sepulcrais, conforme me contou recentemente, num dia em que estava bêbada, manteve todos os habitantes da cidade fechados em suas casas pela força muda das potências divinas. (APULEIO, I, Cap. X).

Narrando a história de Sócrates, Apuleio também demonstra intertextualidade com os clássicos de Homero, base cultural da formação do pensamento grego, prova de que o autor conhecia e se utiliza de intertextos para compor a sua história. Assim, após ser abandonada por Sócrates, Méroe vai com sua irmã, também feiticeira, em busca de Sócrates para realizar a sua vingança. Ao invadir o quarto em que Sócrates repousava, segundo as palavras do viajante que contava a história a Lúcio, as irmãs conversam entre si, associando a figura de Méroe a de Calipso, abandonada por Ulisses, na *Odisseia*, de Homero.

Aqui está ele, Pância, minha irmã, o caro Endimião (jovem caçador grego amado pela lua Selene); ei-lo, o meu Catâmito (nome dado a Ganimedes, sinônimo de belo rapaz), que por muitos dias e muitas noites se aproveitou da minha idade terna demais, e aqui está, desprezando meu amor. Não contente em me difamar, ainda se prepara para fugir. E eu, sem dúvida, nova Calipso, abandonada pelo astucioso Ulisses, chorarei e lamentarei a minha solidão eterna. (APULEIO, I, XII).

Para finalizar, podemos novamente ver um diálogo com Eurípedes, mas dessa vez com a tragédia grega *Bacantes*. Enquanto as irmãs feiticeiras conversam sobre o que fazer com o amante infiel, ainda no episódio de Sócrates, elas se questionam se deveriam fazer como as bacantes, de Eurípedes.

Que achas, minha irmã, de primeiro despedaçarmos esse homem, como fazem as bacantes, ou de lhe ligarmos os membros, e corta-lhe o instrumento de virilidade? (APULEIO, I, XIII).

Ao término da história de Sócrates, uma clara menção, mesmo sem ser citado, é feita a Heródoto e a sua de concepção de ver para crer, do historiador enquanto testemunha do passado: “Tudo isto eu vi com os meus olhos.” (APULEIO, I, XIII). Heródoto, ao que se sabe, escreve suas *Histórias* para registrar os feitos ilustres dos homens, para que eles não se perdessem no tempo. Então, certamente Apuleio teve acesso à obra de Heródoto, enquanto habitante na Grécia e educado conforme preceitos da cultura grega.

À guisa de conclusão, é evidente ao longo de toda obra o diálogo que Apuleio traça com diversos escritores antigos, aos quais ficam claro os contatos e as adaptações realizadas em seu discurso, para que tais intertextos possam se adaptar ao texto, comprovando assim a existência de uma memória da intertextualidade enquanto processo de trocas e contatos entre textos, sejam eles literários ou não-literários.

BIBLIOGRAFIA

APULEE. *Les Métamorphoses ou L'âne d'or*. Paris: Les Belles Lettres, 2007.

APULEIO. *O Asno de Ouro*. Tradução de Ruth Guimarães. Rio de Janeiro: Ediouro, S/D.

APULEYO. *Apologia - Flórida*. Tradução de Santiago Segura Munguia. Madrid: Editorial Gredos, 1980.

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2011.

AUERBACH, Erich. *Figura*. São Paulo: Ática, 1997.

- DERRIDA, Jacques. *Mal de Arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume-Dumara, 2001.
- HERÓDOTOS. *História*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1988.
- GOLDMANN, L. *Sociologia do Romance*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- GRIMAL, Pierre. *O Império Romano*. Lisboa: Edições 70, 2010.
- GUARINELLO, Noberto Luiz. Império Romano e Identidade Grega. In: FUNARI, Pedro Paulo A. (Org.); SILVA, Maria Aparecida Oliveira. [org.]. *Política e identidades no mundo antigo*. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2009.
- LACHMANN, Renate. Mnemonic and Intertextual Aspects of Literature. In: ERLI, Astrid; NÜNNING, Ansgar (org). *Cultural memory studies: an international and interdisciplinary handbook*. Berlin: Walter de Gruyter, 2008.
- PLUTARCO. *Isis y Osiris*. Madrid: Editorial Gredos, 1995.
- ROSA, Claudia Beltrão. A religião na URBS. IN: SILVA, Gilvan Ventura da; MENDES, Norma Musco. *Repensando o Império Romano: perspectiva socioeconômica, política e cultural*. Rio de Janeiro: Mauad; Vitória, ES: EDUFES, 2006.
- SILVA, Rosângela Maria Souza. Memória e discurso em Apuleio. In: BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha; LESSA, Fábio de Souza. (Org.). *Memória e Festa*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.
- SILVA, Semiramis Corsi. Aspectos da Religiosidade de Apuleio: entre magia e filosofia no II século D.C. Anais do II Encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades. *Revista Brasileira de História das Religiões*. – ANPUH – Maringá (PR). V.1, n. 3, 2009.
- TEIXEIRA, Claudia. *A conquista da alegria: estratégia apologética no romance de Apuleio*. Lisboa: Edições 70, 2000.
- YATES, Frances. *A arte da memória*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.